

Editorial

É sabido que Gilles Lipovetsky, na obra *A sociedade da decepção* (2007) tem explorado as mutações da modernidade, considerando que já nos encontramos na fase do hipermodernismo. Neste estado cultural, tudo é elevado à categoria de híper, quer dizer, de máxima potência: “A nossa sociedade é dominada pelo imaginário da comunicação. Estamos na era dos media e na mediatização da vida. As novas tecnologias invadem tudo e geram uma obsessão de interatividade. É preciso estar sempre conectado. Privado e público confundem-se.” (Lipovetsky, 2007, p. xvii).

Nesta cultura de excesso, as tecnologias de informação e comunicação ajudam a acelerar o tempo, possibilitando um novo tipo de consumo e também de produção de informação-comunicação. Procuram-se conquistar mais audiências, mais relações, mais *likes*, *hiperlinks*, *hiperconectividade*, “globalized connectivity” na expressão de Wellman. (*Physical place and cyberplace*, 2001).

A nova configuração da sociedade mudou a nossa territorialidade, destruiu os nossos “castelos” de segurança. A nova relação com o espaço e com o tempo estruturou de maneira diferente o nosso mundo perceptivo, mudou os nossos comportamentos e fez com que estabelecêssemos uma nova ligação com o mundo. De tal modo a mudança foi profunda que fez com que o conceito de cidadania fosse extravasado. Por consequência, a formação para esta nova cidadania veio exigir novas competências e responsabilidades, novos saberes-fazer, quer no sentido do manejo das novas ferramentas, quer no sentido da análise crítica, requisitos necessários para um melhor exercício da cidadania global. Precisamos preparar novos cidadãos para saberem decifrar a nova galáxia construída pelos media. Neste sentido, a literacia neste vasto domínio torna-se bastante pertinente, pois é necessário *empoderar* as pessoas para saberem avaliar e questionar esta nova realidade.

Entre os desafios-oportunidade e os riscos-ameaças é preciso alimentar a esperança. Pablo Neruda no *Livro das Perguntas* (2008) levanta a questão “É verdade que as esperanças devem ser regadas com orvalho?” à qual responderemos afirmativamente. A esperança tem um poder existencial que não pode ser negligenciado. A desesperança é assustadoramente mortífera, corrói o bem-estar, esvazia o sentimento de felicidade, destrói o projeto de vida, anula o tempo.

É preciso regar a esperança com o orvalho do debate e reflexão. Precisamos de construir esta cultura de diálogo e participação, pois são indispensáveis para o processo de conscientização, responsabilizando todos e cada um na procura de um desenvolvimento sustentável. Por isso, o presente número da RLE – organizado superiormente por Conceição Costa e Filipe Luz – dedicou o seu dossier à *Media literacy for living together*, para que o orvalho da cultura possa contribuir para regar a nossa esperança.

A par do dossier, a RLE46 inclui um conjunto de artigos que abordam temáticas que serão do interesse de investigadores e leitores outros. O artigo de Sofia Lerche Vieira e Jaana Flávia Fernandes Nogueira analisa a trajetória das políticas de avaliação e regulação da educação superior no Brasil, procurando a sua génese nos movimentos internos de regulação no país, que têm início na década de 70 do século XX, quando são criadas as primeiras iniciativas de avaliação da pós-graduação em âmbito nacional. O artigo aborda as iniciativas que se instauram gradativamente, tomando como marco conclusivo o Plano Nacional de Educação de 2014. As autoras, mediante análise documental, identificam os momentos-chave desse percurso, e consideram distintas fases entre as origens, a organização e a consolidação da avaliação e regulação da educação superior no Brasil. São construídos os principais marcos do desenvolvimento do Estado Avaliador no Brasil, que são caracterizados pela forte presença de um aparato técnico e burocrático, o que vai imprimir um novo desenho às políticas de educação superior.

Alberto Filipe Araújo apresenta o artigo *Do Silêncio como Via Longa. Contribuição para uma Pedagogia do Silêncio*. O autor defende que a vivência e a prática do silêncio é uma das condições para se meditar criativamente em ordem à elaboração de um conhecimento iniciático e pedagógico conforme uma *Bildung* que faça de cada um Mestre de si-mesmo. A primeira parte é dedicada ao tema do “silêncio como via longa” enfatizando a importância de procurar-se não só o silêncio interior, como também nele viver em ordem à meditação criativa e respeitadora da Tradição. Na segunda parte, faz uma abordagem à “pedagogia do silêncio” como um tipo de pedagogia que procura ensinar aquele que se interessa pelo silêncio interior. A pedagogia do silêncio pretende contribuir, quer para uma iniciação ao silêncio, quer para a gestação de uma Palavra. Ela é apresentada como uma espécie de paideia de um silêncio interior instigador da Palavra justa.

O artigo de Jaqueline Stefanini, Luciana Cavalin, Débora Silva, Natália Camargo, Ana Sani, Edson Scherer e Zeyne Scherer intitula-se *Avaliação do meio escolar: percepções dos profissionais de uma escola pública do interior de São Paulo*. Com este estudo, os autores pretenderam conhecer a percepção dos profissionais. É um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, em que os dados foram recolhidos a partir de um questionário, numa amostra de 21 profissionais, com idades entre 20 e 60 anos. Os autores realçam que existem comportamentos problemáticos na escola que exigem o envolvimento de todos os atores escolares e uma equipe multidisciplinar para melhorar o sistema disciplinar da escola. Por outro lado, referem nas suas conclusões que a avaliação do meio escolar pode contribuir para o desenvolvimento de ações intersetoriais, tendo como propósito a prevenção de comportamentos problemáticos dos estudantes e da violência.

O artigo de Ellis Santos, Deborah Ramos e Nádia Salomão analisa as interações educador-crianças em creches públicas e privadas. É um estudo qualitativo, tendo como participantes 24 educadoras e 95 crianças com idade entre 24 e 30 meses. As interações educadora-crianças foram observadas sistematicamente e filmadas em contextos poliádicos de leitura/apresentação de histórias infantis. Com este estudo, pretende-se subsidiar a prática do educador de creche no contexto do trabalho com o público infantil.

Por último, Filomena Rodrigues e Maria João Mogarro analisam os currículos de formação inicial de professores tendo por referência a implementação do processo de Bolonha. Com este estudo, as autoras pretenderam compreender as semelhanças e diferenças dos currículos de formação inicial de professores nos cursos que habilitam para a docência, no ensino secundário, de duas instituições de ensino superior, uma em Portugal e outra na Irlanda, tendo sido selecionada a área das ciências físicas e naturais. Para o efeito utilizaram metodologia qualitativa de estudo de caso múltiplo, tendo sido efetuada a análise qualitativa de conteúdo de documentos oficiais e institucionais. A conclusão do estudo leva as autoras a sustentarem que, apesar destes programas se inserirem no Espaço Europeu de Ensino Superior e de serem fortemente definidos centralmente, verificam-se diferenças na oferta formativa de ambas as instituições e na organização curricular da formação, sendo de realçar a acentuada discrepância do número de horas de prática em contexto escolar que um e outro país contemplam.

Na secção Recensão, Daniela Pedrosa analisa criticamente a obra *Contributions to Higher Engineering Education*, organizada por Maria Nascimento, Gustavo Alves e Eva Morais e publicada pela Springer Singapore, em 2018. Trata-se de um livro que analisa os fatores económicos, culturais e sociais que influenciam a formação de engenheiros em diferentes instituições de ensino superior. E tem a particularidade de englobar (e convocar) o pensamento crítico e a resolução de problemas, bem como a

comunicação, colaboração, criatividade e inovação. É um livro importante para investigadores e profissionais da área do ensino superior de Engenharia.

Em Diálogos, Conceição Costa conversa com Ana Paiva sobre as multifuncionalidades do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, sobre a investigação levada a cabo sublinhando a omnipresença dos sistemas computacionais e da robotização nas sociedades hodiernas.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Dissertações de Mestrado defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa, Dezembro de 2019

António Teodoro, José V. Brás & Maria Neves Gonçalves